



Processos criminais e história da violência - Mallet-PR (1913-1945)

HÉLIO SOCHODOLAK¹

A presente comunicação é parte de um projeto maior “Cotidiano e tragicidade: para uma história da violência em processos-criminais” vinculado à linha de pesquisa do Programa de pós-graduação em História e regiões: “Espaços de práticas e relações de poder”. A pesquisa, com apoio financeiro do CNPq, desenvolve-se no contexto das pesquisas sobre história e regiões que problematizam suas construções e vivências. “Processos criminais e história da violência - Mallet-PR (1913-1945)”, pretende problematizar, a partir de uma história da violência, os discursos que construíram a região Sul do Paraná e a ocupação eslava.

Para tanto, desde 2013 algumas ações caminharam no sentido de avançar nos trabalhos de tratamento arquivístico e disponibilização digital para a pesquisa da série Processos Criminais do Judiciário de Mallet-PR no CEDOC/I. Essa série faz parte de um fundo composto por aproximadamente 6 mil processos. Os processos criminais que compõem um sexto desse fundo, datam de 1913 a 2006, cobrindo um importante período da história da ocupação da região sul do Estado do Paraná. Já foram tabulados os processos, por tipologia, do período de 1913 a 1945.

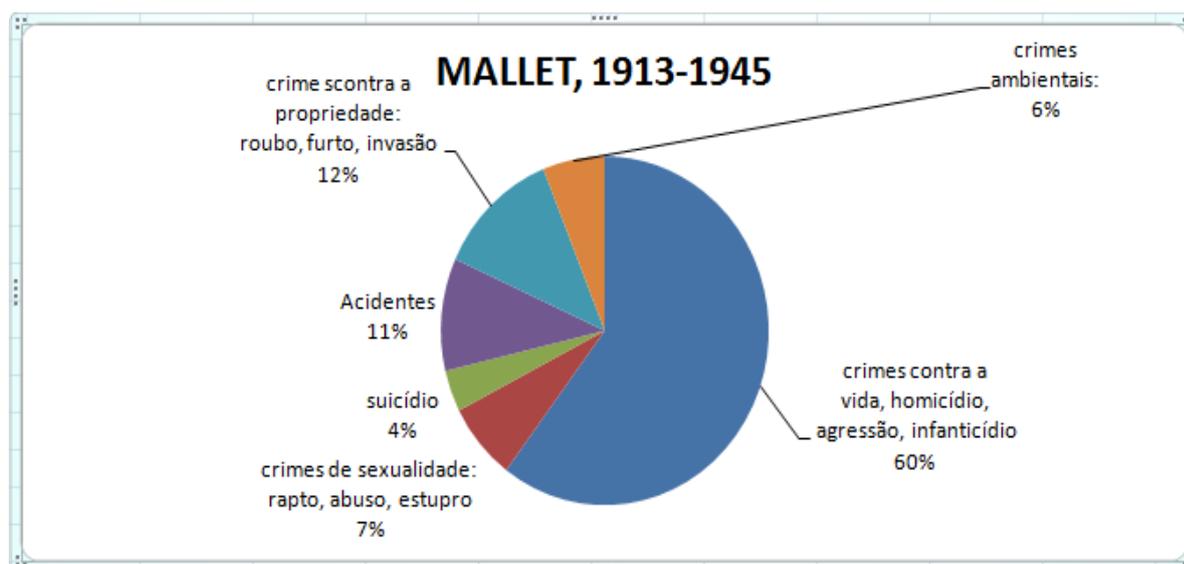
As ações relatadas e “editadas” pelo discurso jurídico, no período de 1913 a 1945 se referem, principalmente, a ações contra a vida humana em mais de 70% dos casos. Em segundo lugar aparecem os crimes contra a propriedade, em cerca de 12% dos casos. Além das informações intencionais registradas nos processos existe um sem número de outras acessíveis ao historiador a partir de uma metodologia e teoria adequadas. Os processos da vara criminal da Comarca de Mallet referem-se a ações de pessoas desde o início do século XX, em geral imigrantes eslavos ou descendentes daqueles.

A bibliografia oficial e as representações usuais sobre o Paraná desde o final do século XIX, apresentam um “Paraná Diferente”, menos brasileiro e mais europeu, mais branco que o

¹ Programa de pós-graduação em História e Regiões – UNICENTRO/BRASIL/PR, CNPq

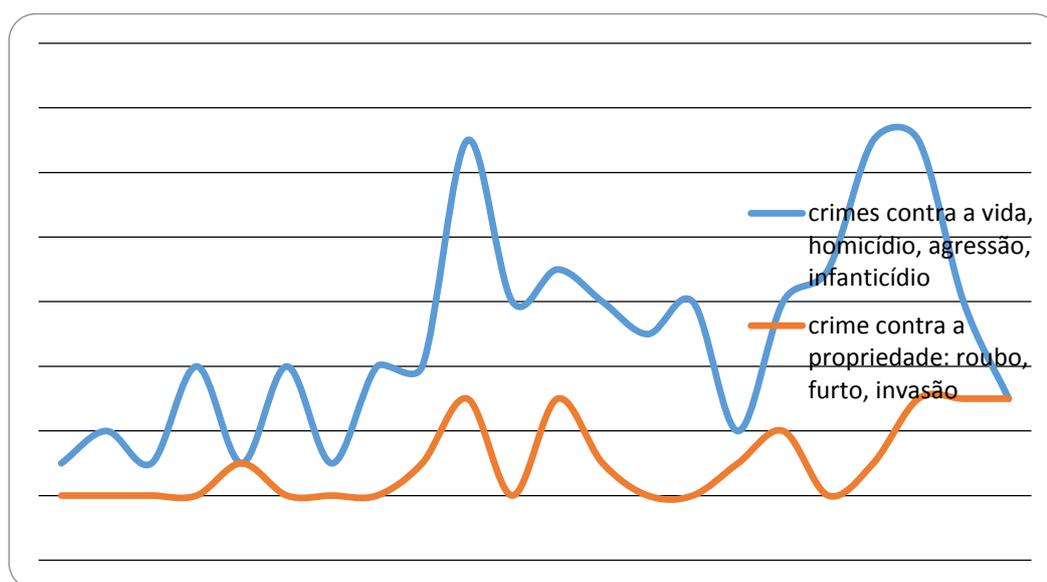
Brasil de Gilberto Freire e com insipiente participação dos negros e índios. Por conseguinte, com um tipo humano mais civilizado, religioso, dócil, trabalhador, e outros atributos relacionados. Se o imigrante se colocava como principal via para um país civilizado, trabalhador e ordeiro, o Paraná seria privilegiado, uma vez que imigrantes foram incentivados a ocuparem ostensivamente os seus territórios desde o final do XIX. Restava apagar possíveis traços de culturas remanescentes e construir discursivamente um “Brasil diferente”. Todavia, em que medida os processos criminais reproduzem esse discurso? Um discurso da diferença pela civilização sobrevive a uma análise micro histórica do cotidiano ou de uma “política do cotidiano”?

Tipologia dos crimes – 1913-1945



Foram catalogados e descritos sumariamente 181 processos criminais da comarca de Mallet-PR desde sua fundação na segunda década do século XX até 1945. Como podemos observar no gráfico acima, os crimes contra a vida são os mais abundantes no recorte espaço-temporal definido. São muito comuns as agressões, algumas fatais, contra vizinhos ou familiares, muitas vezes motivados ou acompanhados por consumo de bebidas alcoólicas. Se computarmos junto os homicídios e infanticídios, as lesões corporais, os crimes de sexualidade e suicídios, teremos um montante de 71% dos processos criminais. Os crimes contra a propriedade são menos comuns e estão estatisticamente empatados com os acidentes.

Conquanto, os crimes contra a propriedade acompanham as ondas de crescimento e decréscimo dos crimes contra a vida. Talvez estejam relacionados entre si, mas certamente se relacionam com o contexto político e econômico do período correspondente, veja a comparação abaixo:



No gráfico acima percebemos dois picos de crescimento da violência. Um no início da década de 1930 e outro dez anos mais tarde. Se buscarmos apoio para compreender esse fenômeno no contexto histórico, observamos que os picos coincidem com períodos de crise, a primeira econômica, como possível efeito da crise de 1929 e da própria instabilidade da política interna, com a crise da política do café com leite e Revolução de 1930² e a segunda com o período de guerra mundial.

Some-se a isso o fato de que a radiodifusão se popularizou nesse período, em especial na década de 30 quando Getúlio Vargas publicou decretos autorizando a comercialização de

² Para Caio Prado Júnior em História econômica do Brasil, com a crise houve um decréscimo nas exportações. Isso provocou um desequilíbrio na balança comercial brasileira. Com uma indústria insólita, o Brasil produtos agrícolas, como algodão, cacau e borracha, mas principalmente o café. Como tais produtos não eram de primeira necessidade, poderiam tornar-se supérfluos rapidamente ao consumidor externo. Dizia-se que o Brasil tinha uma “economia de sobremesa”. Muitos produtos industrializados eram importados com o saldo das exportações primárias. O aprofundamento da crise, porém, provocou a redução da demanda externa e a queda dos preços internacionais do café. Com isso, o déficit comercial do país cresceu rapidamente. Por mando do presidente Getúlio Vargas, milhares de toneladas de café *in natura* foram incineradas numa tentativa infrutífera de aumentar o valor do grão no mercado internacional.

dos casos, prevalecendo os danos, roubos e furtos. Outros crimes contabilizam menos que 20% dos casos.

Num exercício de comparação entre as estatísticas, considerando a comarca de Mallet de 1913-1945 e as do Estado do Paraná apenas no ano de 1940 temos que, em ambos os casos os crimes contra a vida são em bem maior número dos que os demais, embora Mallet esteja na frente em cerca de 15%. Os crimes contra a propriedade aparecem em segundo lugar em ambos os casos embora as estatísticas de Mallet (12%) sejam bem menores se comparadas ao restante do Estado (30%). A ameaça à vida está em primeiro lugar, seguida da ameaça à propriedade que fica em segundo, sobrando margem para uma infinidade de outros delitos e acidentes de percurso menos expressivos.

O mapa produzido pela polícia civil deixa evidente que a violência era praticada em sua maior parte por homens jovens, em idade de 20 a 40 anos, trabalhadores agrícolas ou operários. Na medida que o grau de instrução diminui, a criminalidade aumenta. Entretanto, curiosamente, os analfabetos são menos violentos do que aqueles que possuem alguma instrução. A polícia civil fichou 416 analfabetos contra 753 com uma formação rudimentar. Esse número caiu para 250 dos que possuíam o primeiro grau completo. A partir desse nível a queda é vertiginosa: apenas 25 com formação secundária e 17 com ensino superior. Mesmo considerando que nem sequer o ensino público primário era ainda universal, é forçoso concluir que a criminalidade mensurada pelo Estado identificava o seguinte perfil: **homens jovens, agricultores ou operários, pobres e com pouca ou nenhuma instrução.**

Essas características não eram exclusividade do Paraná, nem mesmo da comarca de Mallet. Ao contrário, essa parece ser uma tendência também européia, ao menos desde o fim da Idade Média. É o que nos garante Muchembled (2012) em sua História da Violência. Para esse autor a agressividade é, em geral, algo masculino, mas muitas vezes orientada pela sociedade, religião e Estado. As mulheres “se matam ou se ferem pouco entre elas, e são mais atacadas com uma relativa moderação pelos homens que evitam, muitas vezes, concentrar-se em seu rosto, seu ventre e seus órgãos reprodutores.” (MUCHEMBLED, 2012: 2) As mulheres foram constantemente desencorajadas a portarem armas e a demonstrar, culturalmente, fique-se claro, uma suavidade e fragilidade específicas. Até hoje, conclui Muchembled, “a cultura da

violência é fundamentalmente masculina em nosso universo.” (MUCHEMBLED, 2012: 2) E mais adiante lança a seguinte análise a respeito das práticas violentas:

Desde o século XIII, o perfil tipo dos culpados modificou-se pouco a pouco, apesar de um considerável declínio, constatado por toda parte na Europa (...). As mulheres são muito minoritárias. Os mais numerosos são homens jovens com a idade de 20 a 29 anos. Sob o Antigo Regime, suas vítimas apresentavam, frequentemente, características idênticas, e os enfrentamentos mortais colocavam em jogo, mais frequentemente, questões de direito, de precedência, de honra... Os representantes dos grupos mais remediados e com mais títulos eram tão implicados quanto os outros. O nítido declínio da violência sanguinária, a partir do século XVII, parece, ao mesmo tempo, ligado à pacificação do espaço público e ao abandono, pelos filhos de família de tais enfrentamentos, em proveito do duelo entre pares, antes da criminalização deste, numa etapa posterior. (MUCHEMBLED, 2012: 9)

Esse autor defende a tese, dialogando com Foucault e Elias, de que a civilização e a disciplinarização da sociedade europeia contribuiu para um declínio paulatino dos crimes de sangue. Da mesma forma, foram deixando de ser cada vez mais públicos para se tornarem domésticos, na medida em que o Estado reivindicava para si a legitimidade do exercício da violência. Da mesma forma ela também deixava cada vez mais de ser pública e sanguinária, para tornar-se reclusa no interior das instituições e simbólicas através do judiciário e do carcerário.

Em complemento, Muchembled defende que o declínio da brutalidade masculina com uma gestão estatal e institucional da mesma desenha uma curva descendente até o último terço do século XX, quando, finda a maior parte das guerras internacionais, ela volta a desenhar traços de ascensão.

Diante dessas questões gerais, podemos nos perguntar: em que medida a municipalidade e o judiciário da comarca de Mallet-PR, agiram no sentido de centralizar e racionalizar a ação violenta? Se isso pode ser constatado pela documentação, que estratégias e táticas (CERTEAU, 1996) os usuários praticavam de forma a escapar do processo civilizador? Em que medida os imigrantes e descendentes destes se diferem dos demais nas práticas violentas? São perguntas que a pesquisa com processos criminais nos instigam a fazer, mas nem sempre possibilitam responder.

Referências:

- ANDREAZZA, M. L. e NADALIN, S. (1994). “O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família do imigrante”. **Revista Brasileira de Estudos da População**. Campinas: v. 11, nº 1, p. 61-87.
- ANDREAZZA, M. L. e TRINDADE, E.M. C (2001). **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED/PR.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BAJER, Paula. **Processo penal e cidadania**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BALHANA, A. P. “Política imigratória do Paraná”. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba : nº 12, maio-junho, 1969. p. 65-80.
- BALHANA, PINHEIRO MACHADO, B. e WESTPHALEN, C. **História do Paraná**. Curitiba: Gráfica Editora Paraná Ltda, 1969.
- BASTIDE, R. **Brasil, terra de contrastes**. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1980.
- BEGA, M. T, S. **Sonho e invenção do Paraná**. A geração simbolista e a construção de identidade regional. Tese. São Paulo: FFCL, Universidade de São Paulo, 2002.
- BOURDIEU, P. **A produção da crença**. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.
- BRANDÃO, A. **A fábrica de ilusão: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba, 1905-1913**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1994.
- CARVALHO, J. M. de. **A formação das almas**. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. vol 2, 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2.ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.
- CORRÊA, Mariza. **Morte em família: representações jurídicas de papéis sociais**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 2 vol.
- FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924)**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- FERIANI, Daniela Moreno. Entre pais e filhos: práticas judiciais nos crimes em família. Dissertação. Campinas-SP: UNICAMP, 2009.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. Estratégia, poder-saber. **Ditos e escritos** – vol IV. Rio de Janeiro: Forense, 2003. p. 203-222.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: IEB/USP: 1969.
- GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: UNESP, 1990.
- GLUCHOWSKI, K. **Os poloneses no Brasil**. Subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Porto Alegre: Editores Rodycz & Ordakowski, 2005.
- GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciais. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

- HOBBSAWN, E. e RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IBGE – **Mallet-PR – histórico**. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/mallet.pdf>, último acesso em fevereiro de 2013.
- MACHADO, Roberto. **O nascimento do trágico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, Órgão do Ministério da Justiça, 1992.
- MARCONDES FILHO, Ciro. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. **São Paulo em perspectiva**, 15(2) 2001. p. 20-27.
- MARTINS **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, Coleção Farol do Saber, 4ª Ed, 1995. [1ª ed. 1899].
- MARTINS, José de Souza Martins. **O cativo da terra**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MARTINS, R. **Quantos somos e quem somos**. Curitiba: Gráfica Editora Paraná Ltda, 1941.
- MARTINS, W. **Um Brasil diferente**. Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo: T. A. Queiroz, 2ª Ed, 1989. [1ª ed. 1955].
- MARTUCELLI, Danilo. Reflexões sobre a violência na condição moderna. **Tempo Social**. USP, S. Paulo, 11(1): 157-175, maio de 1999.
- MIERZWA, Solange e SOCHODOLAK, Hélio. Mulheres e História: Representação feminina nos processos criminais da década de 1980 em Teixeira Soares-PR. **Anais da XXVIII Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora** “Genocídios, Massacres e Nacionalismos.” 09 a 13 de maio de 2011. p. 347 a 359. Disponível em <http://www.ufjf.br/semanadehistoria/files/2010/02/Anais-da-Semana-de-Hist%C3%B3ria-2011.pdf>, último acesso em fevereiro de 2013.
- MORAES, Pedro Rodolfo Bodê e SOUZA, Marcilene Garcia. Invisibilidade, preconceito e violência em Curitiba. **Revista de Sociologia e política**. nº 13: 7-16 NOV. 1999.
- MUCHEMBLED, Robert. **História da violência**: do fim da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- NADALIN, S. **Paraná**: ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001.
- NIETZSCHE, W. F. **O nascimento da tragédia**. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- OLIVEIRA, M. de. **Imigração e diferença em um estado do sul do Brasil**: o caso do Paraná. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Debates, Puesto en línea el 18 mayo 2007, consultado el 25 febrero 2013. URL : <http://nuevomundo.revues.org/5287> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.5287, 1996.
- OLIVEIRA, M. de. (2005). O “Brasil diferente” de Wilson Martins. Caderno CRH. Salvador, v. 18, nº 44, p. 215-221.
- OLIVEIRA, M. de. “Perfil ambiental de uma metrópole brasileira : Curitiba, seus parques e bosques”. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, nº 88, mai/ago, 1996. p. 37-54.
- OLIVEN, G. R. “A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul”. In Leite, I. B. **Negros no sul do Brasil**. Ilha de Santa Catarina: Letras contemporâneas, 1986.

- PEIREIRA, L. F. L. **Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da I República**. Dissertação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1996.
- PEREIRA, M. R de M. **Semeando iras rumo ao progresso**. Ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória e história: as marcas da violência. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais. Julho/ Agosto/ Setembro de 2006 Vol. 3 Ano III nº 3. Disponível em: www.revistafenix.pro.br
- PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- RIBAS, Manoel. **Relatório** – 1940-1941. Arquivo Público do Estado do Paraná. Disponível em <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/RelatoriosGoverno/Ano1940-1941MFN827.pdf>
- ROSEMBERG, André; SOUZA, Luiz Antônio Francisco de. Notas sobre o uso de documentos judiciais e policiais como fonte de pesquisa histórica. In: **Patrimônio Memória**. Unesp – FCLAs – CEDAP, v.5, n.2, p. 168-182, 2009.
- TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1999;
- TOTA, A. P. **Contestado: a guerra do novo mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- VELHO, Gilberto Velho. “O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social” In: VELHO, Gilberto. (org.), **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- WACHOWICZ, R. **História do Paraná**. 4 ed. Curitiba: Gráfica Editora Paraná, 1977.
- WACHOWICZ, R. **O camponês polonês no Brasil**. Curitiba: FCC/Casa Romário Martins, 1981.
- ZENHA, Celeste. “As práticas da justiça no cotidiano da pobreza”. **Revista Brasileira de História**. V. 5, ° 10. março/agosto. 1985.